

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS – TEL

VICTOR FELIPE DE CASTRO GONÇALVES

**UM ESTUDO SOBRE O ENIGMÁTICO PAPEL DE FORTINBRAS NO HAMLET DE
SHAKESPEARE**

BRASÍLIA

2022

VICTOR FELIPE DE CASTRO GONÇALVES

**UM ESTUDO SOBRE O ENIGMÁTICO PAPEL DE FORTINBRAS NO HAMLET DE
SHAKESPEARE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas - TEL, da Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Paweł Jerzy Hejmanowski.

BRASÍLIA

2022

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso contou com a ajuda de diversas pessoas, dentre as quais agradeço:

Primeiramente, a Deus por ser meu apoio em momentos difíceis.

Ao professor Paweł Jerzy Hejmanowski, por aceitar orientar o meu trabalho de pesquisa, pela sua enorme paciência e por ser um professor inspirador.

Aos meus pais, José Luíz Gonçalves (in memoriam) e Maria Zulmira Pereira de Castro, que sempre me apoiaram e deram todo suporte necessário para que eu pudesse chegar até aqui.

Ao meu irmão André Luiz Medeiros Gonçalves, que me incentivou a cada momento e não permitiu que eu desistisse.

Aos demais familiares e amigos, pela compreensão da ausência e afastamento temporário.

RESUMO

Este trabalho se dedica a analisar o papel de Fortinbras na peça Hamlet de William Shakespeare. Ao estudar a trajetória deste personagem na peça, esta pesquisa busca demonstrar que, apesar deste personagem estar praticamente ausente ao longo da maior parte da narrativa, seu papel é relevante e complexo. Primeiramente, serão estudadas as fontes em que são narradas as primeiras versões da história de Hamlet. Em seguida, serão estudados os paralelos e contrastes entre Fortinbras e Hamlet. Então, serão analisadas as interpretações políticas que podem ser feitas a respeito de Fortinbras. Por fim, será estudada a relação entre Fortinbras e o conceito de memória.

Palavras-chave: Fortinbras; Hamlet; William Shakespeare; foil; duplo; interpretações.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze Fortinbras's role in William Shakespeare's Hamlet. By studying the trajectory of this character in the play, this research seeks to demonstrate that, despite this character being practically absent throughout most of the narrative, his role is relevant and complex. First, the sources in which the first versions of the story of Hamlet are narrated will be studied. Next, the parallels and contrasts between Fortinbras and Hamlet will be studied. Then, the political interpretations that can be made about Fortinbras will be analyzed. Finally, the relationship between Fortinbras and the concept of memory will be studied.

Keywords: Fortinbras; Hamlet; William Shakespeare; foil; double; interpretations.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	A AUSÊNCIA DA SUBTRAMA DE FORTINBRAS NAS PRIMEIRAS VERSÕES DA HISTÓRIA DE HAMLET	7
3	FORTINBRAS COMO “FOIL” E DUPLO DE HAMLET	10
4	AS INTERPRETAÇÕES POLÍTICAS DE FORTINBRAS	14
5	FORTINBRAS E OS “RIGHTS OF MEMORY”	19
6	CONCLUSÃO	22
	BIBLIOGRAFIA	23

1 INTRODUÇÃO

O papel de Fortinbras é frequentemente ignorado por leitores ou espectadores desatentos de Hamlet, de William Shakespeare. Esse personagem também é geralmente omitido em adaptações cinematográficas ou teatrais desta peça.¹ Além disso, os poucos estudos que mencionam Fortinbras tendem a reduzi-lo a um personagem secundário e plano que tem uma importância muito menor do que a maioria dos outros personagens da peça. Considerando que a exclusão e a marginalização de um personagem tão importante é bastante problemática, esta pesquisa tem como objetivo demonstrar a relevância e a complexidade de Fortinbras.

Para tanto, na primeira seção deste trabalho, serão estudadas as fontes em que são narradas as primeiras versões da história de Hamlet em uma tentativa de compreender como a ausência da subtrama de Fortinbras impacta os enredos dessas narrativas. A seguir, serão estudados os paralelos e contrastes entre Fortinbras e Hamlet, levando em consideração que a relação entre ambos os personagens é fundamental para a compreensão do papel de Fortinbras. Então, serão levantadas hipóteses sobre as possíveis interpretações que podem ser feitas a respeito do seu caráter e das suas intenções políticas – principalmente no que diz respeito à nova ordem que será estabelecida por ele na Dinamarca. Por fim, serão discutidas duas linhas interpretativas sobre a relação entre Fortinbras e a memória – tendo como foco os “rights of memory” mencionados pelo príncipe norueguês na última cena da peça.

¹ Como é apontado por Abigail L. Sloan citando Cynthia Marshall no seu artigo “Rights of Memory”: Re-Valuing Fortinbras in Teaching and Casting Hamlet”: “Cynthia Marshall points us to various instances of Fortinbras exclusion, citing program notes from a 1997 Royal Shakespeare Company Hamlet for the claim that “... Fortinbras was eliminated from productions between 1732 and 1897 [...]” (SLOAN, 2020, p. 4). Já em relação a adaptações cinematográficas, alguns dos filmes dessa história, como os filmes de Laurence Olivier (1948), Tony Richardson (1969) e Franco Zeffirelli (1990), também excluem Fortinbras.

2 A AUSÊNCIA DA SUBTRAMA DE FORTINBRAS NAS PRIMEIRAS VERSÕES DA HISTÓRIA DE HAMLET

As fontes textuais que possivelmente foram consultadas por Shakespeare para escrever a história do príncipe Hamlet são três: a peça que está perdida hoje em dia, comumente intitulada como ‘Ur-Hamlet’ (possivelmente escrita pelo dramaturgo inglês Thomas Kyd); uma tradução inglesa do conto do príncipe Hamblet de François Belleforest em suas “Histoires Tragiques”; e a história de Amleth por Saxo Grammaticus em sua ‘Historia Danica’. As versões de Saxo e Belleforest são as duas mais antigas. No entanto, Fortinbras não desempenha nenhum papel nas suas narrativas.² Considerando esse fato, é razoável afirmar que esse príncipe norueguês deve ser um acréscimo que surgiu em alguma das versões inglesas da história – embora não seja possível determinar se sua subtrama surgiu na peça ‘Ur-Hamlet’ ou se foi uma criação de Shakespeare.³

Para esta pesquisa, é irrelevante se Fortinbras foi inventado por Shakespeare ou não. Mesmo que Shakespeare não tenha criado esse personagem, ele ao menos considerou relevante mantê-lo na narrativa de sua peça. Deve-se considerar que a possível razão para que ele tenha feito isso seja a importância que o papel de Fortinbras tem para o enredo de sua versão modificada da história de Hamlet. Assim, para compreender a relevância de Fortinbras no Hamlet shakespeariano, é preciso estudar as principais diferenças entre o enredo da sua peça e os enredos das primeiras versões da história consultadas por ele que temos disponíveis.

As histórias de Saxo e Belleforest diferem da versão de Shakespeare principalmente porque nas versões deles o assassinato do velho rei Hamlet já era conhecido por todos, incluindo Amleth, logo no início da peça. Por conta disso, o jovem príncipe, que era apenas uma criança, ameaçada por Feng desde tenra idade, e que quase não podia confiar em quem quer que fosse, é forçado a fingir que estava louco para parecer inofensivo ao seu tio e ganhar tempo enquanto tramava a vingança pelo assassinato de seu pai. Tendo isso em conta, é possível dizer que

2 Entretanto, o mesmo não pode ser dito em relação ao velho Fortinbras, pois ele é claramente um personagem que foi desenvolvido a partir da figura do rei da Noruega nomeado como Koll na versão de Saxo Grammaticus e Collere na versão de Belleforest.

3 No artigo ‘Hamlet and Fortinbras’ de Lawrence (1946, p. 683), o autor argumenta que é muito provável que Fortinbras tenha sido uma adição feita pelo autor de ‘Ur-Hamlet’. Segundo ele, a evidência para esta afirmação é que Fortinbras é mencionado por Hamlet na última cena da peça ‘Der Bestrafte Brudermord’ (‘Fratricídio Punido’). Lawrence afirma que esta versão alemã da história de Hamlet pode estar refletindo a narrativa da peça inglesa perdida. Há uma boa razão para ele acreditar nesta afirmação já que – segundo David Bevington – essa peça alemã surgiu após alguma das versões de ‘Ur-Hamlet’ ter sido apresentada na Alemanha (BEVINGTON, 2019). No entanto, o ‘Brudermord’ data de 1626, após a versão de Hamlet de Shakespeare já ter sido apresentada. Portanto, a referência ao Fortinbras poderia ser um acréscimo feito devido à influência da versão shakespeariana da peça.

Amleth já era um menino capaz de ação, pois os passos que ele dava para se manter vivo também faziam parte da astuta vingança que ele pretendia tomar contra Feng.

Por outro lado, na peça de Shakespeare, o príncipe Hamlet não foi informado do assassinato de seu pai até dois meses após este evento ter ocorrido. Assim, nas cinco primeiras cenas da peça, embora ele já guardasse ressentimentos contra o tio por causa do casamento entre ele e sua mãe (um casamento que o príncipe considerava incestuoso), Hamlet ainda não havia planejado sua vingança. Portanto, após o príncipe dinamarquês ter sido inesperadamente informado pelo fantasma de seu pai de que o velho Hamlet não havia sido morto por uma picada de cobra, mas pelo veneno colocado em seu ouvido por Cláudio, Hamlet não tem certeza de como ele deve vingar a morte de seu pai.

Além disso, na versão shakespeariana, Hamlet já é adulto. Logo, ele deveria ser mais capaz de agir do que o garoto Amleth. Vale considerar ainda que, nas primeiras cenas da peça de Shakespeare, Hamlet não tinha motivos para suspeitar que a sua própria segurança estivesse em risco. Portanto, ele não precisava se conter para começar a sua vingança assim como Amleth fez. No entanto, ao contrário de Amleth, Hamlet é completamente irresoluto. Visto que o assassinato do velho Hamlet não é de conhecimento público na peça de Shakespeare, surge a incerteza no príncipe dinamarquês se ele realmente poderia confiar nas informações que recebeu do fantasma, já que o espectro poderia ser um demônio tentando enganá-lo: “Talvez que o espírito que eu vi não passe do demônio, que pode assumir formas atraentes.” (SHAKESPEARE, 1985, p. 70). Entretanto, mesmo depois de Hamlet confirmar a culpabilidade de Cláudio ao testemunhar o nervosismo do rei enquanto ele assistia a uma peça com cenas alusivas ao assassinato do velho Hamlet, o príncipe continua a hesitar. Embora Hamlet se depare com oportunidade em que poderia matar Cláudio sem que ninguém notasse, o príncipe ainda não cumpre a sua tarefa:

HAMLETO: É propícia a ocasião; acha-se orando. Vou fazê-lo. Desta arte, alcança o céu... E assim me vingaria? Em outros termos: mata um biltre a meu pai; e eu, seu filho único, despacho esse mesmíssimo velhaco para o céu. É soldo e recompensa, não vingança. Assassinou meu pai, quando este estava pesado de alimentos, com seus crimes floridos como maio. O céu somente saberá qual o estado de suas contas; mas, de acordo com nossas presunções, não será bom. Direi que estou vingado, se o matar quando tem a alma expungida e apta para fazer a grande viagem? Não. Aguarda, espada, um golpe mais terrível, no sono da embriaguez ou em plena cólera, nos prazeres do tálamo incestuoso, no jogo, ao blasfemar, ou em qualquer ato que o arraste à perdição. (SHAKESPEARE, 1985, p. 94-95)

Hamlet não pode justificar sua falta de ação, mas ele também não consegue se motivar para tomar alguma atitude. O príncipe fica preso neste dilema por grande parte da peça, mas sua situação muda quando ele conhece o príncipe Fortinbras. Hamlet descreve Fortinbras como um homem capaz de lutar “até por uma palha, quando a honra está em jogo” (SHAKESPEARE, 1985, p. 110), ou seja, um homem capaz de ação. O príncipe dinamarquês fica surpreso ao encontrar Fortinbras liderando seu exército contra a Polônia pelo território da Dinamarca em busca de um terreno de pouco valor. A tarefa de Fortinbras não é tão importante quanto a dele e, mesmo assim, o jovem príncipe norueguês está disposto a arriscar muito mais para completá-la. Esse encontro mostra que Fortinbras não é irrelevante na versão de Shakespeare, pois é ele quem gera uma mudança no príncipe dinamarquês, que agora decide adotar um comportamento mais ativo. E essa mudança é essencial para o encaminhamento da narrativa para o seu final.

Além disso, mais tarde na peça, Hamlet se mostra completamente desiludido com o seu destino. Ele está disposto a aceitar o duelo entre ele e Laertes, apesar dos avisos de Horácio de que tudo se trata claramente de uma armadilha de Cláudio para assassiná-lo. Também deve-se considerar que Hamlet é um jovem adulto sem experiência em administrar um país – ao contrário das versões de Saxo e Belleforest, nas quais o príncipe não apenas derrota Feng e seus subordinados, mas também convence habilmente seu povo a aceitá-lo como seu rei e os lidera durante os eventos seguintes da história. Portanto, na peça de Shakespeare, Fortinbras, que se mostra um hábil líder político e militar, pode ser interpretado como necessário para assumir o trono da Dinamarca.

3 FORTINBRAS COMO “FOIL”⁴ E DUPLO DE HAMLET

As funções de Fortinbras que podem ser mais facilmente percebidas são tanto a de duplo quanto a de “foil” de Hamlet, isto é, o seu papel é a de estabelecer ao mesmo tempo paralelos e oposições entre ele e o príncipe dinamarquês de tal modo que seus contrastes destaquem as qualidades um do outro. Embora seja problemático reduzir todo o seu complexo papel ao de um personagem que exerce apenas essas duas funções,⁵ é inegável que sem um estudo da relação de contrastes e paralelos entre esses dois príncipes não é possível entender Fortinbras. Portanto, a seguir serão listadas as semelhanças mais notáveis entre Hamlet e Fortinbras e serão analisados os contrastes entre cada um desses paralelos em uma tentativa de elucidar as características de Fortinbras e do contexto em que ele está inserido.

O primeiro paralelo que pode ser destacado entre Fortinbras e Hamlet é o fato de que os dois príncipes são filhos patronímicos de reis que foram mortos e que, por conta disso, ambos são motivados em maior ou menor grau pela vingança e a memória de seus pais. Entretanto, apesar de ambos os velhos reis Hamlet e Fortinbras de fato terem sido mortos, há uma discussão a respeito da natureza de suas mortes. Se por um lado é difícil descrever o assassinato do velho rei Hamlet por seu irmão, Cláudio, senão como um ato criminoso; por outro, a condenação da morte do velho Fortinbras é questão de debate.

Como é relatado por Horácio na primeira cena do primeiro ato, a relação entre o rei Hamlet e o rei Fortinbras era de rivalidade. Isso levou o velho Fortinbras a desafiá-lo para um

4 O presente trabalho optou por não traduzir o conceito literário “foil” devido à falta de um termo precisamente equivalente a este na língua portuguesa. É possível traduzir “foil” como contraponto ou contrapeso. Entretanto, nenhuma dessas palavras carrega um outro sentido adicional da palavra “foil” que é o de reflexo ou espelho. Uma definição do termo “foil” é apresentada no trabalho de Eduardo Barreto “Hamlet The Prince The Dane and The Foil”: “The discourse of the foil begins with its function as a literary device, which is to elucidate the characteristics of another character, through contrast. Foil characters are often minor characters purposed to heighten the attributes and personality of the protagonist by becoming what the protagonist is not. For a character to foil another, similarities must exist, but differences must predominate so that the contrast can be more obvious.” (BARRETO, s.d., p. 2).

5 Além do mais, apesar de nenhum personagem exercer tão explicitamente essas funções – “foil” e duplo – como Fortinbras o faz, na peça, há outros personagens que também estabelecem essas duas relações com o príncipe Hamlet. Como é apontado por Eduardo Barreto (BARRETO, s.d., p. 3): Hamlet estabelece a relação de “foil” e de duplo com a Ofélia no que diz respeito ao “aspecto extravagante” (SHAKESPEARE, 1985, p. 47) de Hamlet e a loucura de Ofélia; o príncipe dinamarquês e a Ofélia também têm em comum o fato de que ambos recebem ordens de seus pais. Além disso, Barreto destaca essas duas relações também entre Hamlet e Laertes (BARRETO, s.d., p. 4): ambos querem vingar os assassinatos injustos de seus pais. Entretanto, Hamlet se mostra capaz de machucar até mesmo pessoas inocentes para cumprir o seu objetivo (incluindo Polonius e, indiretamente, Ofélia), enquanto Laertes afirma que apenas envolverá os inimigos de seu pai em sua vingança (“O REI: Ouvi, Laertes; se desejais, de fato, saber como vosso pai faleceu, acha-se escrito nos vossos planos, que deveis num lance, sem distinção de amigos e inimigos, arrastar os culpados e inocentes? LAERTES: Não, só seus inimigos.”) (SHAKESPEARE, 1985, p. 115). Ambos, Laertes e Ofélia, também estabelecem paralelo com Hamlet pelo fato de que todos são órfãos de pai.

duelo até a morte. O perdedor do duelo deveria renunciar a uma porção de terras disputada por ambos os reis. Ao final do combate, aquele que obteve a vitória e, conseqüentemente, a posse das terras foi o velho rei Hamlet. De acordo com Horácio, o que levou o rei Fortinbras (caracterizado por ele como ambicioso) a desafiar o rei Hamlet para o duelo foi o seu “ciumento orgulho” (SHAKESPEARE, 1985, p. 20). Horácio ainda afirma que o combate era “por contrato selado e sancionado pelas normas da nobreza” (SHAKESPEARE, 1985, p. 20), i.e., o duelo foi travado seguindo as leis e os costumes da época.

Portanto, é difícil afirmar que a morte do velho Fortinbras se tratou de um crime, visto que: o velho Fortinbras foi aquele que tomou a iniciativa para que se iniciasse o combate entre ambos os reis; também que (se for possível confiarmos no discurso provavelmente enviesado de Horácio) esse rei norueguês iniciou o combate por pura soberba; e que, além disso, o rei Hamlet obedeceu a todas as normas estabelecidas pelo código de conduta cavalheiresco da época. Esse contraste pode revelar algo da personalidade do príncipe Fortinbras, considerando que, se o duelo entre os reis Hamlet e Fortinbras foi justo, era esperado que o jovem príncipe da Noruega respeitasse as suas conseqüências, assim como foi acordado entre ambos os reis. Entretanto, Fortinbras ainda assim arranja uma expedição militar para vingar a derrota de seu pai e recuperar as terras perdidas por ele.

O segundo paralelo entre os príncipes que vale ser mencionado é o fato de que ambos não sucederam os seus pais ao trono dos seus respectivos países, pois os seus tios foram os elegidos para receberem a coroa. Em relação a essa similaridade entre esses personagens, é possível perceber que, apesar do fato de que ambos os príncipes Fortinbras e Hamlet não foram escolhidos como os sucessores de seus pais, mas sim os seus tios, o tio de Fortinbras (referido na peça apenas como Noruega) não é um usurpador como Cláudio. Isso torna difícil justificar a conduta de Fortinbras quando ele prepara um ataque contra a Dinamarca sem o consentimento (ou sequer o conhecimento) do seu tio. Dado que o velho Noruega é um sucessor legítimo e que a peça não dá indícios de que ele seja um mau governante, não há um bom motivo para Fortinbras contrariá-lo.

Por fim, o último paralelo que pode ser destacado é o fato de que Fortinbras e Hamlet se mostram capazes de tomar medidas extremamente brutais a fim de realizarem os seus objetivos. Hamlet é responsável direta ou indiretamente por inúmeras mortes na peça – incluindo a morte de pessoas inocentes como Ofélia ou Polonius. Já Fortinbras reúne um exército para liderar ataques contra a Dinamarca e contra a Polônia. O ataque contra a Polônia é o que mais claramente mostra a insensibilidade de Fortinbras, visto que ele conscientemente

sacrifica a vida de seus soldados, de soldados poloneses e possivelmente de camponeses poloneses inofensivos por um pedaço de terra sem valor.

Porém, apesar do fato de que tanto Fortinbras quanto Hamlet serem responsáveis por colocarem em risco várias vidas por conta do seu comportamento, cada um dos dois opera de modo diferente. Embora Hamlet seja extremamente pensativo, ele não tem uma ideia clara de como colocará em prática a vingança do seu pai. Como consequência disso, poucas são as mortes causadas pelo príncipe dinamarquês durante o percurso da sua vingança que foram realmente planejadas por ele. O príncipe da Dinamarca prejudica aqueles ao seu redor mais por conta de suas reações ao ambiente hostil em que ele vive do que por conta de suas ações premeditadas. Enquanto isso, Fortinbras se revela como um melhor estrategista e mais capaz de ação. O príncipe da Noruega habilmente reúne um exército para atacar a Dinamarca. Apesar de ser impedido de prosseguir com o ataque pelo seu tio, Fortinbras não vacila em cumprir o seu propósito de conseguir se provar honrado de alguma forma. Ao invés disso, ele redireciona o seu ataque para a Polônia.

Cabe ainda mencionar que os contrastes entre os príncipes ocorre também em relação à questão da ‘ausência’ e da ‘presença’ desses personagens na peça. Fortinbras é um personagem com uma participação muito menor do que a de muitos outros personagens, se limitando a poucas alusões e sua presença na quarta cena do quarto ato e na cena final da peça (segunda cena do quinto ato) em que o príncipe norueguês profere discursos extremamente sucintos – provavelmente um reflexo do contexto militar em que é ambientada toda a sua subtrama. Por outro lado, Hamlet é o personagem com maior quantidade de linhas de fala em todas as peças de Shakespeare.

Esta oposição entre ‘ausência’ e ‘presença’ desses personagens se acentua ainda mais se nos atentarmos ao fato de que ao final da peça há uma inversão entre o príncipe com papel enfatizado ou minimizado. A partir do momento que Hamlet enuncia sua última frase “o resto é silêncio.” (SHAKESPEARE, 1985, p. 149), Fortinbras deixa de ser um personagem secundário para se tornar o personagem central no desfecho da narrativa. Enquanto o príncipe Hamlet perde a sua vida, Fortinbras ganha o título de rei da Dinamarca. Esta inversão se completa quando o príncipe da Noruega ordena que quatro capitães levem os corpos de Hamlet, Laertes, Cláudio e Gertrude para fora da cena – em uma tentativa de encobrir o contexto caótico em que Hamlet estava inserido e de criar uma abertura para a nova ordem que será estabelecida por ele na Dinamarca. A respeito desse momento de inversão da trama, vale mencionar o brilhante poema metatextual de Zbigniew Herbert ‘Trenodia de Fortinbras’ em que o poeta

polonês põe na boca de Fortinbras uma reflexão que chama atenção para essa situação: “Agora estás em paz, Hamlet. Cumpriste o teu papel e estás em paz. Não é silêncio o resto, mas pertence a mim.”

4 AS INTERPRETAÇÕES POLÍTICAS DE FORTINBRAS

Pode-se dizer que o papel de Fortinbras não é simples de ser interpretado. O seu percurso ao longo da peça abre margem para tanto para a interpretações de que ele é um homem íntegro e capaz de ser um bom rei quanto de que ele é um príncipe cruel, egoísta e desonesto que possivelmente perpetuará a violência presente no reino da Dinamarca. Adiante serão discutidas as possíveis interpretações que podem ser feitas a respeito da qualidade do caráter e das intenções políticas de Fortinbras com um especial foco no tipo de governo que será implementado na Dinamarca por ele.

A primeira leitura que pode ser feita a respeito de Fortinbras é a de que ele é a esperança para o futuro do reino da Dinamarca. De acordo com Ariel Gulluni esta foi a interpretação dominante a respeito desse príncipe até o século XX (e mesmo atualmente ela segue com muitos adeptos) (GULLUNI, 2017, p. 9).⁶ Para esta leitura, Fortinbras representa a estabilidade – visto que, ao contrário de Hamlet, ele é um homem decidido e um líder experiente. Logo, será ele quem trará ordem à caótica Dinamarca. Além disso, para esta interpretação, o príncipe da Noruega representa também a legitimidade – tendo em conta que Fortinbras permaneceu alheio ao violento ciclo de vinganças que devastou a Dinamarca. Ademais, nesta linha interpretativa, Fortinbras se mostra legítimo pelo fato de que Hamlet não apenas profetizou que Fortinbras seria coroado como o novo rei da Dinamarca como também pelo fato de que ele deu ao príncipe da Noruega o seu “voto moribundo” (SHAKESPEARE, 1985, p. 149). Por fim, vale mencionar que esta leitura também valoriza Fortinbras por sua capacidade de se sobrepor aos seus impulsos e de renunciar ao seu plano inicial de vingar a morte do seu pai atacando a Dinamarca – muito embora ele tenha pacificamente conseguido realizá-la abraçando a sua sorte (“com dor abraço a sorte”) (SHAKESPEARE, 1985, p. 150), i.e., chegando no momento mais oportuno.

Entretanto, esta linha interpretativa pode ser problematizada. Primeiramente, é possível criticar esta interpretação de Fortinbras em relação a sua legitimidade ao trono da Dinamarca. Se por um lado é verdade que o príncipe Fortinbras conseguiu se tornar rei sem derramar uma única gota de sangue do povo dinamarquês, por outro, Fortinbras ainda é o responsável por comandar uma expedição militar contra a Polônia. Portanto, não se pode dizer

⁶ Os principais representantes desta linha interpretativa citados por Ariel Gulluni são listados a seguir em ordem cronológica: William Lawrence (1946), Harold Jenkins (1974), Neil Graves (1979), Laury Magnus (2013), Peter Lake (2016). O poeta polonês Zbigniew Herbert, já mencionado neste trabalho, também parece se encaixar nesta linha de leitura, visto que ele põe na boca de Fortinbras as seguintes palavras: “o que eu hei de legar não será tema de tragédias”.

que esse príncipe está completamente inocentado de ser cruel ou violento. Além do mais, é problemática a ênfase que se dá para a profecia de Hamlet, visto que apenas o fato de que Hamlet anunciou Fortinbras como o próximo rei não foi o que garantiu a veracidade desta previsão nem mesmo o tornou legítimo quando ela realmente veio a se concretizar. Além disso, apesar de Hamlet realmente ter votado em Fortinbras para ser o próximo governante, vale notar que o príncipe norueguês se assume como o novo rei da Dinamarca antes que Horácio lhe dê a notícia de que Hamlet o elegeu para esse cargo. Ademais, faz-se necessário considerar que, apesar de Fortinbras de fato ter renunciado ao seu plano de vingança contra a Dinamarca, a peça não deixa claro se Fortinbras de fato desistiu do seu propósito inicial ou se ele apenas o adiou e pacientemente buscou uma estratégia mais eficiente para conseguir as terras perdidas pelo seu pai: a estratégia nomeada por Richard Levin como “secret scheming” (LEVIN, 1996, p. 10). Neste caso, a expedição militar de Fortinbras para a Polônia seria, na verdade, um cavalo de Tróia.⁷

A segunda interpretação que pode ser feita em relação a Fortinbras é a de que ele se trata de um personagem oportunista guiado por uma estreita visão militar e que, por conta disso, certamente será um mau governante.⁸ Para esta leitura, Fortinbras não pode ser entendido como um sucessor legítimo tendo em vista que a peça sugere em alguns momentos que a Dinamarca que está sendo representada na narrativa é uma monarquia eletiva,⁹ mas Fortinbras não foi eleito pelos nobres ou pelo povo dinamarquês. Muito embora Fortinbras tenha recebido ao menos o “voto moribundo” de Hamlet, é preciso lembrar que o príncipe norueguês se assumiu como o novo rei da Dinamarca antes mesmo que Horácio lhe reportasse isso.

7 Assim como é apontado por Richard Levin (LEVIN, 1996, p. 10), é interessante que o próprio príncipe Hamlet menciona a história do cavalo de Tróia na segunda cena do segundo ato, quando ele pede que um ator recite a cena do relato de Enéas a Dido a respeito do assassinato de Príamo: “Esse Pirro feroz, que armas trazia da cor do próprio intenso, igual à noite, que o envolvia no ventre do **cavalo sinistro e malfadado**” (SHAKESPEARE, 1985, p. 65, grifo meu)

8 Os principais representantes desta linha interpretativa citados por Ariel Gulluni são listados a seguir em ordem cronológica: Jan Kott (1963), Eleanor Prosser (1971), Bryan Gooch (1986), Rudigier Imhof (1986), Paul Cantor (1989/2004), R.A. Foakes (1993), Stuart Kurland (1994), Alexander Leggat (2000, 2005), Jan Blits (2001), Mark Taylor (2002), Robin Headlam Wells (2006), William Zak (2015). Assim como na linha de leitura anterior, também é possível citar um poeta que escreveu poemas metatextuais a respeito de Fortinbras com uma leitura que se encaixa dentro desta tradição interpretativa. O poeta e dramaturgo Bertolt Brecht escreveu em 1926 o “Sonett vom Sieger” (Soneto da Vitória), que se trata de uma interpretação da cena IV do ato IV de Hamlet. No soneto, Brecht critica fortemente o militarismo de Fortinbras. O poeta alemão dá a entender que o príncipe norueguês não pode ser considerado um bom líder, tendo em conta o fato de que Fortinbras inicia guerras sem sentido apenas para aumentar sua honra.

9 Uma sugestão a isso é o fato de Hamlet não ter sido aquele que sucedeu o seu pai, como seria esperado de uma monarquia hereditária. Também cabe ressaltar que, embora a Dinamarca da narrativa seja uma monarquia eletiva, há indícios de que candidatos consanguíneos ao rei têm preferência durante a eleição (os candidatos a sucessor do rei Hamlet, por exemplo, eram o seu irmão e o seu filho).

Tendo em conta que as primeiras versões da história do príncipe Hamlet também representam a Dinamarca como uma monarquia eletiva, para entendermos melhor a crítica desta segunda tradição interpretativa à legitimidade de Fortinbras, vale contrastar a postura de Fortinbras e a postura do príncipe Amleth quando ambos são coroados os reis da Dinamarca em seus respectivos universos. Amleth profere o seguinte discurso em sua coroação:

Honrem-me com o que me é devido, agraciem-me com sua benevolência: fui eu que limpei a desonra desta terra, extingui a desonra de minha mãe, derrotei a tirania, executei o assassino, enganei a astúcia de meu tio com minhas próprias artimanhas. Se ele ainda vivesse, cada nova manhã multiplicaria seus crimes. Ressenti-me do mal feito a meu pai e à minha pátria: matei aquele que os governava de uma forma que homem algum deveria ser governado. **Reconheçam meus serviços, honrem minha esperteza, deem-me o trono se fiz por merecê-lo;** pois têm em mim alguém que cumpriu uma grande tarefa em seu benefício e que não é um herdeiro degenerado do poder de seu pai – não um fratricida, mas sim o sucessor legítimo ao trono e obediente vingador do crime de assassinato. Fui que os desnudei da canga e os vesti em liberdade, que restaurei suas fortunas às alturas e devolvi-lhes a glória; eu que depus o déspota e triunfei sobre o açougueiro. Vocês têmem mãos a recompensa; bem sabem o que fiz por vocês, e apelo à sua honra por minha justa paga. [...] **Os corações de todos foram afetados pelo que o jovem dizia; em alguns, ele inspirou a compaixão, e outros foram até mesmo levados às lágrimas. Quando o pranto cessou, Amleth foi escolhido como rei por decisão e aclamação geral, pois cada um dos presentes depositou suas esperanças na sabedoria dele, visto que ele planejara tal feito com a maior esperteza e o alcançara por meio do mais incrível complô.** Muitos eram vistos ainda maravilhados com a forma como ele ocultara um plano tão sutil por tanto tempo. (QUINTANA, 2019, p. 234-235, grifo meu)

É possível perceber nessa passagem que Amleth não se impõe como o novo rei em momento algum. Ao invés disso, o príncipe paciente e detalhadamente explica os últimos eventos que ocorreram na Dinamarca em uma tentativa de persuadir o povo a elegê-lo como o próximo rei. Já Fortinbras se limita a mencionar supostos direitos (“rights of memory”) que ele tem sobre o reino da Dinamarca: “enquanto a mim, com dor abraço a sorte: tenho sobre este reino alguns direitos, que o interesse me faz ora lembrados.” (SHAKESPEARE, 1985, p. 150). O príncipe da Noruega não se preocupa em esclarecer a legitimidade da sua reivindicação ou sequer consultar o povo dinamarquês, que há pouco tempo o considerava como uma ameaça. Apesar de Fortinbras de fato convocar um conselho de nobres (“convoquemos os nobres ao conselho”) (SHAKESPEARE, 1985, p. 150), o príncipe norueguês não dá a entender que ele está convocando o conselho para convencê-los a aceitá-lo como novo rei, senão apenas para

oficializar a sua coroação. Portanto, apesar de podermos afirmar que Amleth se porta como um candidato legítimo à coroa, o mesmo não pode ser dito de Fortinbras, já que o príncipe da Noruega ignora as tradições políticas dinamarquesas e age como um verdadeiro invasor estrangeiro.

Além disso, para esta interpretação de Fortinbras, o príncipe da Noruega não representa a estabilidade, pois a peça não apresenta evidências de que ele será um governante moderado e justo nem apresenta indícios de que ele será um chefe de estado que tem como prioridade a manutenção da paz. Esta leitura tem em conta que tanto nos relatos iniciais a respeito de Fortinbras quanto na sua aparição no ato IV, cena IV, esse príncipe norueguês se comporta como um encenqueiro que insiste em participar de guerras mesmo sem ter boas justificativas para isso. Logo, é improvável que esse personagem tão conflituoso possa realmente assumir o papel de restaurador da harmonia da Dinamarca. Além do mais, esta linha interpretativa se atenta ao fato de que Fortinbras é norueguês. Ainda que a peça não sugira nada conclusivo a esse respeito, não é difícil imaginar que haja algum nível de rivalidade entre dinamarqueses e noruegueses, visto que, há alguns anos antes do início da peça, os reis de ambos os povos estavam em guerra. Também vale lembrar que, mesmo que os dinamarqueses não nutram sentimentos de antipatia pelos noruegueses, é possível que eles nutram algum nível de antipatia pelo próprio Fortinbras, já que ele era sentido por eles como uma ameaça nas primeiras cenas do primeiro ato. Tendo em conta que o povo dinamarquês retratado na peça não é um povo passivo – haja vista a rebelião do povo em favor de Laertes e o fato de que Cláudio teme que o povo se volte contra ele caso ele tome alguma medida contra Hamlet – e que Fortinbras nem mesmo se preocupou em justificar a sua coroação perante este mesmo povo, é difícil dizer que não haverá conflitos ou rebeliões na Dinamarca durante o seu governo.

A terceira interpretação que pode ser feita em relação a Fortinbras é a de que ele é um personagem ambivalente.¹⁰ Esta posição se trata de uma combinação das duas anteriores. Para esta leitura de Fortinbras, na peça, há bons indícios tanto de que Fortinbras será um bom governante como de que ele será um mau governante. Logo, o final da peça é, na verdade, um final em aberto – não muito distante dos finais de outras peças de Shakespeare, e.g., Rei Lear. Outra variação desta posição é a de que Fortinbras certamente não será um bom rei vide os argumentos da segunda tradição interpretativa citada neste trabalho, entretanto, em meio à completa desordem do que restou da Dinamarca ao final da peça e tendo em conta que todos os

10 Os representantes desta tradição interpretativa citados por Gulluni são: Walter Foreman (1978), David Scott Kastan (1982), Roland Mushat Frye (1984), Eric Mallin (1995), Andrew Hadfield (2005).

membros das duas principais famílias nobres da Dinamarca acabaram de ser mortos, Fortinbras é definitivamente a melhor opção de candidato ao trono dinamarquês.

5 FORTINBRAS E OS “RIGHTS OF MEMORY”

Também é possível estudar Fortinbras à luz do conceito da memória. Assim como Ross Poole destaca, o jovem príncipe norueguês tem uma relação especial com este conceito: “Although almost all the characters in Hamlet are subject to the demands of memory, it is only Young Fortinbras who is able to meet those demands and claim the “rights of memory” (POOLE, 2009, p. 129). Entretanto, faz-se necessário considerar que, assim como Fortinbras se comporta como “mirror up to critic”¹¹ quando ele é interpretado politicamente, o mesmo acontece quando ele é estudado em sua relação com a memória. Nesta seção serão explorados dois caminhos interpretativos desta conexão.

A primeira leitura que pode ser feita é a de que Fortinbras se relaciona com a memória dos tempos passados por ser um herdeiro da velha ordem guerreira a qual seu pai e o rei Hamlet pertenciam. É possível perceber essa caracterização de Fortinbras como aquele que incorpora os antigos valores cavaleirescos logo na primeira cena do primeiro ato, pois, assim como é apontado por Richard Levin, esta cena conecta a aparição do espectro do velho rei Hamlet com a ameaça à Dinamarca representada pelas tropas de Fortinbras:

The scene opens at nighttime, with apprehensive soldiers guarding the royal castle of Elsinore. As one soldier relieves another, he gives a secret password that permits the distinguishing of friend from foe. The two soldiers who remain on guard have seen a ghost on previous nights, and they have brought along the scholarly Horatio in the hope that he can learn the ghost’s mission if it reappears. The ghost, in “warlike forme” (I. I. 47), does enter and quickly crosses the stage “with martiall stauke” (66). Horatio recollects that the ghost, who bears the appearance of the dead king, wears the armor the king wore when he “the ambitious Norway combated” (61). After this glancing allusion to a longstanding Danish rivalry with Norway, the soldiers speculate that the ghost “bodes some strange eruption to our state” (69). One soldier thinks of the frantic preparations Denmark is making for war, and Horatio, reporting that rumor attributes the danger to Norway, sketches the history of the duel between the rival kings. It is thought that to regain his father’s lands, the son is preparing to invade Denmark. (LEVIN, 1996, p. 13)

É a partir da discussão do fato de que o fantasma do rei Hamlet estava vestido com a armadura que ele utilizou durante o combate contra o velho Fortinbras (isto é, a partir de um equipamento de batalha e da prática do enfrentamento por combate, ambos típicos da velha

11 Ou seja, um objeto de estudo que apresentará diferentes imagens a depender do crítico ou intérprete que está diante dele. Esta expressão é utilizada por Gulluni (2017, p. 9) para descrever como Fortinbras é um personagem que pode ser interpretado das mais diversas maneiras.

ordem guerreira) que Horácio e os sentinelas têm sua atenção direcionada ao príncipe norueguês.

Também há outros indícios na peça de que Fortinbras representa o renascimento desse ideal de guerreiro feudal que teve como os seus últimos representantes o velho Fortinbras e o velho Hamlet. O primeiro indício que pode ser mencionado é o fato de que Fortinbras, assim como o rei Hamlet, costuma tomar soluções violentas para a resolução dos seus problemas: o rei Hamlet faz com que Hamlet vingue sua morte matando Cláudio e resolve suas desavenças com o rei Fortinbras através de um duelo, já Fortinbras ataca a Polônia e a Dinamarca para resolver a questão da sua necessidade de se provar honrado. Além disso, em todas as ocasiões em que Fortinbras é mencionado ou em que ele aparece, o príncipe da Noruega sempre está relacionado de alguma forma com o contexto de guerra, assim como o velho rei Hamlet e o velho Fortinbras costumam ser lembrados por conta das batalhas que travaram seja um contra o outro ou contra a Polônia. Fortinbras é, portanto, aquele que restabelece os antigos ideais da velha ordem guerreira. Nas palavras de Robert Willson, ele é aquele que é “the reincarnation of the prince’s father, **the only true inheritor of his chivalric and monarchic titles**” (apud TIFFANY, 2005, n.p, grifo meu), o que justifica a sua alegação dos “rights of memory” (neste caso, os direitos que advém da memória da velha ordem).

A segunda interpretação que pode ser feita é a de que Fortinbras se relaciona com a memória por conta dos “rights of memory” que ele tem sobre as terras que foram indevidamente tomadas do seu pai pelo rei Hamlet. Esta leitura levanta a hipótese de que a espada que o velho Hamlet utilizou no duelo contra o velho Fortinbras estava envenenada.¹² Uma das justificativas para esta leitura que pode ser encontrada na peça é a origem do fantasma. As “labaredas sulfúreas do tormento” (SHAKESPEARE, 1985, p. 41) são uma indicação de que ele vem do purgatório até mesmo do inferno. Independentemente de qual desses lugares tenha sido de fato o seu destino, há uma sugestão de que ele cometeu algum pecado para ter

12 Segundo Ariel Gulluni, um dos autores que trabalha com esta hipótese é Anselm Haverkamp (2006). Nicolas Abraham (1987) também explora esta linha interpretativa no capítulo “O Fantasma de Hamlet ou o VI Ato precedido por O Entreato da “Verdade”” do livro “A casca e o núcleo”, do qual ele é co-autor. Nesse capítulo, Abraham escreve um sexto ato para a peça Hamlet, seguindo imediatamente os eventos finais da última cena do texto de Shakespeare. No sexto ato escrito por Abraham, é apresentado o conceito psicanalítico de “fantasma” (“phantom”), uma força transgeracional que exerce sua influência sob praticamente todos os personagens da peça e que surge a partir de um vergonhoso segredo. Abraham trabalha com a ideia de que o segredo que dá origem ao fantasma do rei Hamlet se trata da verdade sobre o que realmente ocorreu no duelo entre o velho Hamlet e o velho Fortinbras. Na sua versão, o rei Hamlet não agiu de forma verdadeiramente honrada durante esse combate, pois ele obteve a sua vitória apunhalando o rei Fortinbras com uma espada envenenada. Por fim, vale mencionar a autora Grace Tiffany (2005), que, muito embora não levante a hipótese do envenenamento, trabalha com a possibilidade de que o velho Hamlet tenha sido de alguma forma desonesto durante o duelo.

sido enviado para lá. Outra sugestão é feita pelo próprio fantasma quando ele afirma que ele é a alma do pai de Hamlet “condenada a vagar durante a noite, e de dia a jejuar na chama ardente, até que **as culpas todas praticadas em meus dias mortais** sejam nas chamas, alfim, purificadas” (SHAKESPEARE, 1985, p. 41, grifo meu). Esse pecado pode ser interpretado como uma evidência de que a vitória do rei Hamlet sobre o velho Fortinbras foi uma traição – ainda mais se for levado em conta o fato de que, na primeira cena do primeiro ato, Horácio e os sentinelas traçam uma conexão entre a chegada do fantasma e as notícias passadas e presentes envolvendo os noruegueses.

Além disso, é sugestivo que o espectro do velho Hamlet esteja vestindo justamente a mesma armadura do dia em que enfrentou o velho Fortinbras. Tendo em conta que, assim como é dito por Gulluni, “parafraseando a *Banquo*, los agentes del infierno a veces nos dicen verdades para perdernos en cuestiones de más peso” (GULLUNI, 2017, p. 2), há a possibilidade de que o desonrado espectro do velho Hamlet tenha apenas voltado do mundo do mundo dos mortos para tentar desviar a atenção dos outros personagens da verdade sobre o duelo entre ele e o rei Fortinbras para o crime cometido por Cláudio.

Logo, visto que o rei Fortinbras perdeu sua vida e a porção de terras disputadas por conta de uma traição, esta leitura considera que a reivindicação de Fortinbras é legítima. Ela está baseada na memória dessa trapaça e dos “direitos, que o interesse me faz ora lembrados” (SHAKESPEARE, 1985, p. 150) que provêm dela. Portanto, assim como é afirmado por Tiffany:

In finally delivering Denmark to Fortinbras, Hamlet rectifies both Old Hamlet’s foreign usurpation and Claudius’s more insidious domestic one. Fortinbras’s accession promises not only justice for himself and Norway but what Robert Willson calls “a time of Spartan glory for Denmark, now that the effete... court of Claudius has been destroyed” (7). (TIFFANY, 2005, n.p)

6 CONCLUSÃO

Esta pesquisa se propôs a demonstrar a relevância e a complexidade de Fortinbras na peça Hamlet de Shakespeare. O estudo da primeira seção mostra através de uma análise dos contrastes entre a versão shakespeariana de Hamlet e as versões de Saxo e Belleforest que Fortinbras é relevante para a narrativa de Shakespeare, pois na sua versão o príncipe dinamarquês precisa de um modelo para mudar o seu comportamento hesitante. Além disso, o príncipe da Noruega é importante para o encaminhamento da narrativa para o seu desfecho – principalmente nas linhas interpretativas que o consideram como o sucessor mais adequado e legítimo ao trono dinamarquês. Já a segunda seção dá indícios de que Fortinbras é importante para a peça tanto tematicamente (por ele ser o personagem com quem Hamlet melhor estabelece as relações de duplo e “foil”) quanto estruturalmente (por conta do modo com que sua ausência e a presença de Hamlet se acentuam até o momento de desfecho da peça, em que o contraste ainda se mantém, porém, invertido em relação ao príncipe com papel enfatizado ou minimizado). As duas seções que se seguem demonstram que Fortinbras não só é relevante para a narrativa como também é um personagem que pode despertar um interesse no leitor por conta de sua complexidade, i.e., pelo modo com que ele pode ser interpretado de diversas maneiras. Tanto em relação ao seu caráter e intenções políticas quanto em relação à sua ligação com o conceito de memória, Fortinbras é multidimensional e sua subtrama dá margem até mesmo para leituras que se contrapõe: quando interpretado politicamente, ele pode ser entendido tanto como um homem honesto capaz de ser um bom rei quanto como um príncipe cruel e desonesto que não resolverá o problema da violência do reino dinamarquês; já quando interpretado em sua relação com a memória dos velhos tempos, ele pode ser tanto aquele que se baseia nos velhos tempos para restabelecer os valores daquela época quanto aquele se baseia nos velhos tempos para superar as injustiças cometidas naquele período.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. **A casca e o núcleo**. Tradução de Maria José R. Faria Coracini. São Paulo: Escuta, 1995.
- ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. **The shell and the kernel**. Tradução de Nicholas T. Rand. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- BARRETO, Eduardo. **Hamlet The Dane The Prince The Foil**. Academia, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: https://www.academia.edu/32015245/Hamlet_The_Dane_The_Prince_The_Foil?bulkDownload=thisPaper-topRelated-sameAuthor-citingThis-citedByThis-secondOrderCitations&from=cover_page. Acesso em: 5 maio 2022.
- BEVINGTON, David. **An “Ur-Hamlet” and Der bestrafte Brudermord (Fratricide Punished)**. Hamlet: Sources and Analogues, 2019. Disponível em: [https://internetshakespeare.uvic.ca/doc/Ham_Sources/section/An%20%22Ur-Hamlet%22%20and%20Der%20bestrafte%20Brudermord%20\(Fratricide%20Punished\)/index.html](https://internetshakespeare.uvic.ca/doc/Ham_Sources/section/An%20%22Ur-Hamlet%22%20and%20Der%20bestrafte%20Brudermord%20(Fratricide%20Punished)/index.html). Acesso em: 18 maio 2022.
- BURZYŃSKA, Katarzyna. **A Polish Hamlet: Zbigniew Herbert’s “Elegy of Fortinbras”**. New Readings, [S.l.], v. 12, p. 35-51, 2012. Disponível em: <https://newreadings.cardiffuniversitypress.org/articles/abstract/10.18573/newreadings.84/#>. Acesso em: 5 maio 2022.
- GULLUNI, Ariel. **Y entonces llegó Fortinbras - Variaciones sobre el final de Hamlet**. Academia, [S.l.], 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/41323060/Y_entonces_lleg%C3%B3_Fortinbras_Variaciones_sobre_el_final_de_Hamlet. Acesso em: 5 maio 2022.
- HERBERT, Zbigniew. **THE COLLECTED POEMS 1956–1998**. New York: HarperCollins, 2008.
- HERBERT, Zbigniew. **Trenodia de Fortinbras**. Tradução de Nelson Ascher. In: ASCHER, Nelson (Tradução e Organização). Poesia alheia: 124 poemas traduzidos. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1998. p. 351-352.
- JENKINS, Harold. **Fortinbras and Laertes and the Composition of Hamlet**. Rice Institute Pamphlet - Rice University Studies, [S.l.], v. 60, n. 2, p. 95-108, abr. 1974. Disponível em: <https://scholarship.rice.edu/handle/1911/63151>. Acesso em: 5 maio 2022.
- LAWRENCE, William Witherle. **Hamlet and Fortinbras**. PMLA, [S.l.], v. 61, n. 3, p. 673-698, set. 1946. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/459241>. Acesso em: 5 maio 2022.
- LEVIN, Richard A.. **Fortinbras and the “Conveyance of a Promisd March”**. CEA Critic, [S.l.], v. 58, n. 2, p. 9-23, inverno 1996. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44377167>. Acesso em: 5 maio 2022.
- LOPES, Sofia. **A document in madness: a study on the insanity of Shakespeare’s Ophelia**. Palíndromo, [S.l.], v. 12, n. 27, p. 299-309, maio 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/2175234612272020298>. Acesso em: 5 maio 2022.
- MONTIRONI, Maria Elisa. **The Introspective Sponger: Hamlet in the Poetry of Bertolt Brecht**. New Readings, [S.l.], v. 12, p. 19-34, jan. 2012. Disponível em:

<https://newreadings.cardiffuniversitypress.org/articles/abstract/10.18573/newreadings.83/>. Acesso em: 5 maio 2022.

OREMLAND, Jerome D.. **Death and transformation in hamlet**. *Psychoanalytic Inquiry*, [S.l.], v. 3, p. 485-512, 1983. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07351698309533506>. Acesso em: 5 maio 2022.

POOLE, Ross. **Two Ghosts and an Angel: Remembering and Forgetting in Hamlet, Beloved, and The Book of Laughter and Forgetti.... Constellations**, [S.l.], v. 16, p. 125-149, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/4042162/Two_Ghosts_and_an_Angel_Remembering_and_Forgetting_in_Hamlet_Beloved_and_The_Book_of_Laughter_and_Forgetting_2009_. Acesso em: 5 maio 2022.

QUINTANA, T.. **A vingança de Amleth, príncipe da Jutlândia: apresentando o ancestral nórdico de Hamlet**. *Brathair*, v. 19, p. 220-245, 2019. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/1883/1540>. Acesso em: 5 maio 2022.

SHAKESPEARE, William. **Hamleto: príncipe da Dinamarca**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, [s. d.].

SHAKESPEARE, William. **The Complete Works of William Shakespeare**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1966.

SLOAN, Abigail L.. **“Rights of Memory”: Re-Valuing Fortinbras in Teaching and Casting Hamlet**. *CEAMAG Journal*, [S.l.], v. 28, p. 4-15, 2020. Disponível em: https://www.umes.edu/uploadedFiles/_WEBSITES/CEAMAG/Content/CEAMAG%202020%20complete.pdf. Acesso em: 5 maio 2022.

TIFFANY, Grace. **Hamlet, Reconciliation, and the Just State**. *Renascence*, [S.l.], v. 58, n. 2, p. 111-133, inverno 2005. Disponível em: https://www.pdcnet.org/renascence/content/renascence_2005_0058_0002_0111_0133. Acesso em: 5 maio 2022.